

## RELAÇÕES DE GÊNERO NO CONTEXTO ESCOLAR DA VILA GOIÁS/SERRA DO MEL-RN<sup>1</sup>

Autora: Dariana Maria Silvino

Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar sobre Mulheres, Gênero e Feminismos-PPGNEIM, da Universidade Federal da Bahia-UFBA. Bolsista/CAPES. Especialista em Educação e Contemporaneidade pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Rio Grande do Norte-IFRN. Bacharela em Serviço Social na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN.  
darianamaria@hotmail.com.br

Companheira me ajude  
Que eu não posso andar só  
Eu sozinha ando bem  
Mas com você ando melhor  
(Ciranda feminista)

Simpósio Temático nº XXI– Gênero, Raça, Etnia, Sexualidade Na Formação Docente

### RESUMO

O espaço escolar pode vir a reproduzir diferenças existentes pelas construções desiguais de gênero. A proposta desse trabalho foi verificar como se constitui a discussão de gênero e sexualidade a partir do contexto das docentes na Escola Municipal Vila Goiás/ Serra do Mel-RN. Deste modo, no objetivo geral almejou investigar a realidade docente no ensino de gênero e sexualidade, no intuito de compreender de que maneira professoras (re) produzem ou não comportamentos sexistas no ensino, identificando possíveis diferenças educacionais pela desigualdade de gênero. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, abordando um estudo de caso, utilizando diversas ferramentas na coleta de dados, como as entrevistas semiestruturadas e questionários, para balizar na fundamentação teórica a pedagogia histórico-crítico e o estudo do método materialismo-dialético. A reflexão proposta, poderia ser melhor compreendida, se houvesse para as professoras, cursos, palestras, formação inicial ou continuada, maior diálogo por parte da gestão municipal que aborde em sala de aula reflexões transversais, sendo a temática de gênero ainda ausente do diálogo e contexto das professoras.

**Palavras-chave:** Gênero, Educação Infantil, Escola, Diversidade Sexual, Formação Docente.

### ABSTRAT

The school space can reproduce existing differences due to unequal gender constructions. The purpose of this work was to verify how the discussion of gender and sexuality is constituted from the context of teachers at Vila Goiás Municipal School/Serra do Mel-

<sup>1</sup> Parte da discussão no artigo é fruto do projeto de pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso-TCC da Especialização em Educação e Contemporaneidade-IFRN, Campus Mossoró.

RN. In this way, the general objective aimed to investigate the teaching reality in the teaching of gender and sexuality, in order to understand how teachers (re) produce or not sexist behavior in teaching, identifying possible educational differences due to gender inequality. This is a qualitative research, approaching a case study, using several tools in data collection, such as semi-structured interviews and questionnaires, to base the theoretical foundation on the historical-critical pedagogy and the study of the materialism-dialectic method. The proposed reflection could be better understood if there were for teachers, courses, lectures, initial or continuing education, greater dialogue on the part of the municipal administration that addresses cross-reflections in the classroom, with the gender theme still absent from the dialogue and context and teachers.

**Keywords:** Gender, Childhood Education, Sexual Diversity, School, Teacher Training.

## 1. INTRODUÇÃO

Os movimentos feministas vêm defendendo que a discussão de gênero, sexualidade e diversidade sexual sejam incluídas no âmbito da escola enquanto uma das primeiras formas de convívio social, muitas vezes, a instituição pode reforçar papéis sociais para meninas e meninos, vindo reproduzir desigualdades existentes por uma provável educação sexista<sup>2</sup>. Desta forma, a artigo busca dialogar sobre gênero e sexualidade na educação infantil. Propondo responder a seguinte problemática: Como constitui a discussão de gênero e sexualidade a partir do contexto das docentes na Escola Municipal Vila Goiás/ Serra do Mel-RN.

No objetivo geral almejou investigar a realidade docente no ensino de gênero e sexualidade e nos objetivos específicos, o intuito de compreender de que maneira professoras (re) produzem ou não comportamentos sexistas no ensino e identificando possíveis diferenças educacionais existentes pela desigualdade de gênero. O tipo de pesquisa adotado foi o estudo de caso da Escola Municipal Vila Goiás. Numa abordagem qualitativa. Utilizando diversas ferramentas para a coleta de dados, tais quais as entrevistas semiestruturadas, realizada com 3 professoras<sup>3</sup>, conduzidas por questionários de perguntas fechadas e abertas. As entrevistas gravadas, foram transcritas no word para análise das falas salvas em pen drive e guardadas no drive da pesquisadora.

---

<sup>2</sup> É um tipo de educação onde se utiliza de determinadas diferenças biológicas, físicas para justificar desigualdade e hierarquia existente entre os meninos e meninas no espaço escolar. Ver Moreno (1999).

<sup>3</sup> Breve perfil socioeconômico: todas as docentes entrevistadas são casadas, têm filhos (as) e moram mais os maridos. Residem na Serra do Mel, possuem especialização e 1 mestrado. Orientação sexual heretonormativo. 3 três professoras se consideram de cor branca, e 1 uma, negra. Possuem idades entre 46-48 anos.

Os sujeitos da pesquisa são compostos, por 3 professoras da educação infantil e ensino fundamental. Distribuídas em: duas turmas de educação infantil, com alunos de quatro e cinco anos, uma turma multisseriada com 2º e 3º anos, bem como uma turma de 4º e 5º ano. No processo de apresentação dos dados e diálogo, as professoras foram nomeadas por pseudônimos de mulheres feministas: Simone, Ângela e Nísia<sup>4</sup>. O Projeto Político Pedagógico, destaca o local da pesquisa que é “A Escola Municipal Vila Goiás, tem sua localização geográfica no município de Serra do Mel, criada pelo Decreto de Lei Nº103/97 de 04 (quatro) de setembro de 1997 (Um mil, novecentos e noventa e sete)”. (PPP, 2020, p. 5).

A reflexão apresentada se fundamenta na perspectiva da pedagogia histórico-crítico, na construção do estudo de educação em gênero e sexualidade na complexidade das relações, em sua totalidade. O referencial da pedagogia histórico-crítico ajudou no estudo do método histórico-dialético ao compreender a relação da educação em gênero interligados as macroestruturas, enquanto partes que se conectam nas várias determinações ao influenciarem os fenômenos sociais e educacionais.

A execução da pesquisa partiu da vivência da autora na Vila Goiás, escola e também com as professoras, inquietações sobre as perspectivas das docentes relacionada a abordagem. Desta maneira, a pesquisa proporcionará diálogo na escola, debate no âmbito educacional, acadêmico, na Vila Goiás que fica localizada na zona rural. Apresentando discussões teóricas em Scott (1987) e Silva (2007), para explicitar a abordagem de gênero, dialogando com Butler (2016), Moreno (1999) ao relacionar o contexto escolar, sexualidade Foucault (1984), além de Louro (2004) para subsidiar as reflexões educacionais ao analisar como é constituído o processo de ensino das docentes em gênero e sexualidade. A referida escola não trabalha, especificamente, com essas questões, pois as docentes sentem até mesmo confusas sobre o que venha ser tais significado.

A reflexão em torno da temática poderia ser melhor compreendida, se houvesse para as professoras, cursos, palestras, maior diálogo por parte da gestão municipal que abordasse em sala de aula discussões transversais. A temática de gênero ainda se faz, de certa maneira distante do contexto escolar e das professoras. Não se tem a pretensão de

---

<sup>4</sup> Inicialmente contaria com a participação de todas as 5 professoras no ensino presencial, mas o processo de complementação de dados em meio a pandemia do (COVID-19) possibilitou o estudo proposto, apenas com 3 professores.

esgotar o debate, sendo o início de alguns apontamentos, ao instigar as inúmeras possibilidades para reflexões futuras.

Devido a pandemia, o isolamento social, ocasionado pelo Novo Coronavírus (COVID-19) as escolas estão fechadas e aulas presenciais, temporariamente, suspensas. Outra realidade surge na oferta do ensino remoto emergencial, optando no tipo de pesquisa o estudo de caso da Escola Municipal Vila Goiás, trazendo uma abordagem qualitativa. A reflexão aqui apresentada, parte da perspectiva de pedagogia histórico-crítico na construção do estudo de gênero e sexualidade relacionado à educação, ao trazer a discussão em sua complexidade, não dissociada da realidade social. Vindo pesquisar o universo dos sujeitos envolvidos, num contexto de experiências particulares das professoras em vivências coletivas.

A história do espaço escolar vem sendo cotidianamente construída e os (as) envolvidos (as) neste estudo também estão em mudanças. Foi utilizado diversas ferramentas na coleta de dados, como as entrevistas semiestruturadas e questionários, contendo perguntas abertas e fechadas, para auxiliar nas entrevistas semiestruturada e maior interação. Os sujeitos da pesquisa são compostos por 3 professoras da educação infantil e fundamental. Distribuída em uma turma de educação infantil, de quatro anos, uma turma multisseriada<sup>5</sup> com 2º e 3º ano, bem como uma turma de 4º e 5º anos. A escolha das entrevistadas tem haver com a questão de serem educadoras e trabalhar no lócus da pesquisa, a coordenadora pedagógica do polo Goiás<sup>6</sup> mora da mesma Vila, fazendo a intermediação entre pesquisadora e professora.

Portanto, a realidade social é mais dinâmica do que se expressa, conhecendo o objeto de maneira aproximada, uma parte ao trazer a vivência das professoras e como o ensino vem sendo transmitido, ao pensar sobre questões que envolve construções de gênero, sexualidade, brincadeiras. O Trabalho de Conclusão de Curso foi submetido ao Comitê de Ética na Plataforma Brasil e esse artigo é parte da discussão teórica, complementação de dados da pesquisa intitulada: Educação em Gênero e Formação Docente na Escola Municipal Vila Goiás/Serra do Mel-RN para refletir as construções de gênero, sexualidade e brincadeiras e entender o contexto atual na referida escola.

O artigo encontra-se dividido na seguinte estrutura: resumo em língua portuguesa e inglesa, introdução, breve conceituação de gênero no espaço escolar, em seguida,

---

<sup>5</sup> Modalidade onde uma professora ensina duas turmas diferentes numa mesma sala.

<sup>6</sup> Atendem estudantes que vêm das Vilas Minas Gerais e Rio de Janeiro para estudarem na Goiás, pela questão geográfica do município de Serra do Mel-RN.

entendendo sexualidade e diversidade sexual, depois, dialogando a partir da sexualidade, brincadeiras e brinquedos, chegando no diálogo propriamente das professoras sobre o que entendem de sexualidade, gênero e por fim, as considerações finais.

## 2. BREVE CONCEITUAÇÃO DE GÊNERO: diálogo no espaço da escola

Faz-se imprescindível pensar o educar para a diversidade e de gênero em que diferenças existentes não sejam atribuídas há fatores naturais, condição física, mas de prováveis construções sociais desiguais. A reflexão de gênero proposta com base em Silva (2007) não centra no conceito biológico, porém abordando diversas possibilidades ao visibilizar os estudos de gênero nas universidades e sociedade, de acordo com Scott:

[...] O termo gênero não implica necessariamente na tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, nem mesmo designa a parte lesada (e até agora invisível) [...]. O “gênero” inclui as mulheres sem as nomear, e parece assim não se constituir em uma ameaça crítica. Este uso do “gênero” é um aspecto que a gente poderia chamar de procura de uma legitimidade acadêmica pelos estudos feministas nos anos 1980. (SCOTT, 1989, p. 6).

Na década de 1980, no Brasil, ganha maior aceitação no meio acadêmico os estudos sobre gênero através da publicação da historiadora americana Joan Scott intitulada “Gênero: uma categoria útil para análise histórica”. A escritora apresenta seu entendimento, compreensão que gênero tem duas partes e subpartes conectadas que “[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1989, p. 21), e cada sujeito pode se identificar no mundo para além de macho/fêmea, não correspondendo necessariamente ao binarismo convencionado: menina/menino, feminino/masculino.

O termo está relacionado à construção social do ser, diferentemente do que entende por sexo, ligado ao fator biológico, por tanto percebido como natural, anatômico e determinado<sup>7</sup>. Nas palavras de Butler (2016, p. 13): “A complexidade do conceito de gênero exige um conjunto interdisciplinar de discursos, com vistas a resistir à domesticação acadêmica dos estudos de gênero ou dos estudos sobre as mulheres, e a radicalizar a noção da crítica feminista”.

---

<sup>7</sup> SCOTT (1989).

Em determinado período os organismos internacionais convencionaram utilizar a denominação de gênero, por acreditar ser amplo, mais científico. Havendo maior aceitação, expansão nas universidades, instituições governamentais de fomento, organizações não governamentais (ONGs). Por acharem menos “ofensivo” do que utilizar o termo feminismo, possuindo várias interpretações distorcidas de seu sentido histórico.

A partir desse contexto relatado, possibilitou criar políticas públicas relacionando educação em gênero percebendo outras formas de se reconhecer enquanto pessoas. A escola contribui no processo de ensino-aprendizado, mas que, talvez, encontre paradigmas postos. Moreno (1999) relata como a sociedade é construída, pode tornar-se um espaço para prováveis desigualdades educacionais:

Os livros didáticos e paradidáticos, têm sido objeto de várias investigações que neles examinam as representações dos gêneros, dos grupos étnicos, das classes sociais. Muitas dessas análises têm apontado para a concepção de dois mundos distintos. (Um mundo público masculino e um mundo doméstico feminino), ou para a indicação de atividades “características” de homens e atividades de mulheres. [...]. (LOURO, 1997, p. 74).

Os livros paradidáticos no pensamento de Louro (1997) apresentam uma visão binária, tendenciosa, afirmando uma possível superioridade ou inteligência dos homens. O que deve ser levado em conta é que as pessoas possam viver numa sociedade de múltiplas maneiras, nas mais diversas concepções comportamentais. As diferenças não precisam ser entendidas quanto construção para desigualdade e sim na ampla diversidade, possibilidades de existência no diálogo relacionado a sexualidade e diversidade sexual para situar a discussão proposta.

### **3. ENTENDENDO SEXUALIDADE E DIVERSIDADE SEXUAL**

As décadas de 1960 e 1970 foi o período histórico ocidental da chamada revolução sexual e da quebra de normas sociais, com adventos científico-tecnológicos como a criação da pílula anticoncepcional e outros tipos de controle de natalidade. Além disso, o olhar sobre o sexo também passa por uma mudança, a ser não mais visto somente com o intuito de reprodução da espécie, patológico, biológico, mas possuindo uma finalidade também econômica e social. Na contemporaneidade as questões sobre sexualidade e diversidade sexual na escola tem sido mais que necessário, imprescindível diante das demandas que chegam ao espaço escolar e professoras, para lidar nas relações de gênero

partir das brincadeiras, brinquedos e vestimentas. Embora os seres humanos se relacionem a partir da sexualidade, a mesma passou a ser considerada como algo que precisa ser controlada, reprimida, vigiada, representada” (FOUCAULT, p. 51, 1984).

Obviamente, existem corpos e sujeitos que escapam às normatizações vivendo nas fronteiras. É preciso admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira. As certezas escapam, os modelos mostram-se inúteis, as fórmulas são inoperantes. Não há como ignorar as “novas” práticas, os “novos” sujeitos, suas contestações ao estabelecido (LOURO, 2004, p. 28-29). Esse desrespeito exige a adoção de outras medidas de controle, tais como o uso coercitivo de violência.

Por conseguinte, o indivíduo a ser corrigido, por sua vez, é uma figura no limiar da regra, condutas por isso não chega a ser uma exceção, mas faz parte do cotidiano. Esse indivíduo se caracteriza justamente pelo fracasso das tentativas de correção das instituições próximas, tais quais a escola, a vizinhança, a igreja, mas, principalmente, a família. Diferente das demais pessoas, as crianças, talvez, expressam algumas demandas um controle sobre a intimidade, o corpo e o exercício do prazer sexual individual. Essa não é uma violação de uma regra explícita que possa ensejar uma condenação, contudo há ao seu redor uma proibição de falar sobre, mesmo que seja algo que todos façam.

Muitas vezes os sujeitos ao transgredir regras postas pela sociedade, instituições, pode ultrapassar o limite do social, que se liga indissolavelmente ao saber e ao poder. Para muitos/as mostrando como as práticas, os saberes e os poderes vêm funcionando, nos últimos quatro séculos, para fabricar o (s) sujeito (s) das sexualidades. Em suma, a seguir será apresentada dados da pesquisa, concepções das docentes do que entendem por sexualidade, como acontece as brincadeiras, a questão das cores, brinquedos e quais os possíveis impactos, discussões para o fazer profissional e educacional.

#### **4. CORPO DOCENTE E ENTENDIMENTO SOBRE SEXUALIDADE, BRINCADEIRAS E BRINQUEDOS.**

Cabe refletir sobre sexualidade, visto ser uma discussão, de certa forma complexa, possibilita inúmeras indagações, questionamentos, em que, muitas vezes, as construções sociais, da forma como se apresentam na sociedade, influenciam a maneira de entendimento de questões que debate sexualidade na educação:

Eu entendo que, é um termo amplamente abrangente, que engloba inúmeros fatores, que, eu acho também que é uma descoberta do próprio corpo, é... a sexualidade também é a identidade de gênero, papel de gênero, orientação sexual, é... entre outros. É porque a sexualidade ela é um tema, um termo bem abrangente pra ser definido. (SIMONE, 2021).

Então... pra mim, é, a sexualidade, ela é uma coisa assim, que não se refere ao gênero sexual. A sexualidade é o comportamento que as pessoas têm, é... o desejo, que as pessoas sentem, é... ou pelo sexo apostado ou por pessoas do mesmo sexo. Então a sexualidade é uma coisa que aflora, uma coisa que... que se tá no íntimo de cada pessoa. (ÂNGELA, 2021).

Eu acho assim, que sexualidade é um conjunto, né? De características, de comportamentos, de cada indivíduo, principalmente referente... ao desejo sexual. Está muito ligada, tem muito a ver com o desejo sexual dos seres humanos. (NÍSIA, 2021).

SIMONE traz diversos conceitos, ao abordar sexualidade, por exemplo, com orientação sexual ao ser algo mais pessoal, a forma como cada indivíduo se relaciona consigo, enxerga no mundo. Também passa pelo processo de descoberta do corpo, mas para além, seja na vestimenta, comportamento. Já os papéis de gênero podendo ser entendidos enquanto construções históricas e culturais impostos pela condição de gênero que meninas devem agir de determinada maneira, meninos de outra.

Quando ÂNGELA problematiza a questão, aborda que o sujeito pode construir a personalidade ao comportar-se da maneira como quiser, afinal, as pessoas são múltiplas na sua singularidade de viver, possibilitando, além de desejos, prazeres. Ao associar a sexualidade ao comportamento, torna possível o relacionamento consigo e com o outro. Percebe-se ao realizar as entrevistas, que o tema em questão, tem sido mal compreendido, poderia vir debater em sala, com uma linguagem acessível que as crianças possam entender, até pela faixa etária de educação infantil e fundamental maior.

NÍSIA refere-se o entendimento da discussão, ligado ao conjunto de características, de comportamentos, que passa pelo campo do desejo. Pois, as pessoas tendem a evidenciar e falar sobre a sexualidade o tempo todo como diria Foucault (1984) embora precisando “afirmá-la” e que em torno do debate existe várias produções de discursos seja na família, escola, igreja, dentre outras instituições da sociedade. E dando continuidade nas reflexões, as docentes foram perguntadas em relação as roupas e brinquedos podem induzir à construção da identidade de gênero e orientação sexual, segue alguns diálogos:

Não, eu acredito que não, roupas e brinquedos não influencia na construção de gênero e orientação sexual, não é devido uma roupa, ou um brinquedo, um

menino brincar com a boneca, uma menina brincar com o carro, vai influenciar na construção da identidade, acredito que não. (SIMONE, 2021).

Eu acredito que um pouco, talvez não seja uma das principais, é... formas de se construir a identidade, mas eu acredito que ela influencia um pouco. Eu acredito que até uma certa idade crianças que... brincam com qualquer coisa, com qualquer tipo de brinquedo, ele não vá, é... servir no desenvolvimento ou na construção da identidade dessa criança, mas eu acho que no desenrolar, ao passo que essa criança vai crescendo [...] ela vai se despertando e vai sendo direcionada a brincar, a escolher coisa do seu gênero. (ÂNGELA, 2021)

Eu acho assim, que, se a pessoa já estiver com a personalidade formada, então a roupa não vai influenciar tanto, mas assim [...] o meio influencia muito a pessoa, se uma criança era criada desde novinha [...] com certos costumes, hábitos, aí vai, de certa forma vai interferir na personalidade. Esses atos, esses costumes, vão acarretar, vão formar personalidade de uma pessoa. Eu entendo assim (NÍSIA, 2021).

No entendimento de SIMONE a concepção sobre roupas e brinquedos não necessariamente determina o comportamento, maneira de agir. A mesma, afirma que, um menino vir brincar de boneca, ou menina de carrinho, bem como, usar roupas convencionadas socialmente para o sexo oposto, pode não influenciar nas construções de gênero ou outros fatores, por exemplo, na orientação sexual. ÂNGELA reflete diferente, acha que os brinquedos e roupas em determinado momento, pode acabar tendenciando no comportamento e maneira de reconhecer-se, todavia, pensa não ser o terminante ou causa única. Mas no passar do tempo, em socialização entre demais pessoas, convívio, crescimento, que as brincadeiras vão sendo direcionadas, pois as normas impostas ao gênero, podem seguir modelos.

No caso de NÍSIA aborda um suposto determinismo<sup>8</sup>, em que tem o meio social, visto como natural, enquanto fator de influência. Ela, toca num ponto que chama atenção, se a pessoa tiver a personalidade formada, roupas e brinquedos, podem não interferir, no entanto, educados (as) em determinados costumes, hábitos, vai acabar contribuindo na maneira de expressar a personalidade. Entretanto, as crianças estão na fase de descobrimento, conhecimento e formação, dessa forma, talvez, não conseguirão ter opiniões ou condutas prontas. Acredita-se que a partir das novas discussões de gênero, vem abandonar o suposto determinismo e naturalismo biológico<sup>9</sup>, pois o gênero pode ser interpretado como um fator que vem agregar vários elementos de personalidades, comportamentos<sup>10</sup> culturais, sociais. Então, questionadas se existem ações por parte da

---

<sup>8</sup> PISCITELLI, 2002, p. 7-42.

<sup>9</sup> NICHOLSON. 2000, p. 9-41.

<sup>10</sup> IDEM, 2000, p. 9-41.

escola, gestão municipal ou coordenação local no combate do *Bullying*, ao preconceito e desigualdade de gênero, apresenta-se algumas respostas:

Especificamente, é... no preconceito e desigualdade de gênero, eu como professor sempre da educação infantil, é... nunca foi trabalhado um projeto, só específico pra preconceito e desigualdade de gênero, sim a gente trabalha *Bullying*, é... mas [...] na minha área [...] educação infantil não foi desenvolvido nenhum projeto, mas pode ser algo a se pensar. (SIMONE, 2021).

Não, a escola que eu trabalho não há, então, na nossa escola, desses pontos aí, o que é mais trabalhado é a questão do *Bullying*. Do respeito que você tem [...] o que é mais falado [...] é a questão do *Bullying* [...] da criança ser mais gordinha ou da questão da cor, da questão do preconceito pela posição financeira [...] ainda ver aqueles casos de crianças que têm preconceito com outra criança, usam a mesma roupa, ou que vem pra escola com vestimentas diferenciadas, mas assim, em relação a desigualdade de gênero, não se trabalha na escola, não. (ÂNGELA, 2021). Eu não tenho conhecimento de nenhuma ação, né. Da gestão nesse sentido aí. (NÍSIA, 2021).

SIMONE expõe, o cotidiano em sala de aula, a escola não necessariamente vem trabalhar, especificamente, com questões sobre igualdade de gênero, mas que poderia pensar nessa possibilidade de inclusão. Já ÂNGELA relata que ocorre caso de *Bullying*, pela criança estar acima do peso, e também, pela condição social, vir para a instituição, às vezes, com a mesma roupa, ou então de maneira diferenciada. E NÍSIA não sabe, de existir qualquer ação no sentido da abordagem proposta. Então, a partir do contexto relatado, as docentes foram questionadas, se no momento da merenda, existe fila única para as crianças, e se na hora das brincadeiras, recreios, as meninas ficam juntas dos meninos e quais os tipos de brincadeiras existentes. Seguem as respostas:

Existe fila única, não é separado em momento algum na hora da merenda, na hora de sair pra o intervalo, é fila única, sempre foi. (SIMONE, 2021). Não, não há essa diferenciação na nossa escola, não, a fila é uma fila única, quando acontece, e todos entram na fila de acordo com a saída da sala de aula, independente que seja meninos ou meninas, não há, é... separação quanto a isso. (ÂNGELA, 2021). Costuma fazer fila única, meninos e meninas, é tudo junto, a gente num separa não (NÍSIA, 2021).

Sim, sempre fica as meninas juntas dos meninos, sempre tem alguém monitorando, eles gostam muito de brincar de bola, as meninas também adoram bola, eles brincam de tica, de correr, meninas junto com meninos, entre outras brincadeiras, mas a gente nunca separou menina, vai brincar de casinha e menino vai brincar de bola, nunca foi separado. (SIMONE, 2021).

Sim, meninas e meninos brincam quando querem sem nenhum problema, até porque as brincadeiras acontecem geralmente na parte externa da escola, é mais brincadeiras de bola, queimada, pula corda, e assim, meninas brincam, quando acontecem essa separação já é uma coisa intuitiva deles, eles já saem separando, às vezes a menina quer entrar pra brincar de jogar bola e ele não querem, não deixam, porque já começam a dizer que não, “alí não é brincadeira

de menina”, e, às vezes, um menino não quer entrar na brincadeira de roda porque diz que aquilo não é brincadeira de menino, então assim, quando há isso aí, é próprio da criança, não por empecilho ou por posição de professores ou adultos. (ÂNGELA, 2021).

Não. Os meninos e meninas no geral eles brincam juntos, só que assim, pela própria natureza, as meninas querem uma brincadeira mais leve. Os meninos já brincam mais, querem mais correr, esse tipo de coisa, só que existe meninas que são mais espertas e muitas vezes elas querem brincar também com os meninos, mas a gente mesmo não separa. Se existe a separação, mas pelo gosto próprio de cada um. (NÍSIA, 2021).

Para tanto, as respostas apontadas anteriormente, relatam que na hora da merenda, as crianças não ficam separadas, meninas de um lado, meninos de outro, deste modo, possibilitando haver mais interação, convivência. Não havendo nenhum afastamento por parte das educadoras e quando acontece as brincadeiras, é de forma “intuitiva”, sem querer, segundo relato da docente ÂNGELA as meninas, em algumas ocasiões preferem jogar bola e os garotos falam “alí não é brincadeira de menina”, e às vezes, ocorre dos outros garotos implicarem com o menino que entrar na roda de ciranda, dança, porque na concepção dos mesmos “aquilo não é brincadeira para garoto”, então, vem sendo construído no imaginário social de como deve ser, comportar-se e agir.

Ou seja, na percepção de NÍSIA é como se existisse uma natureza feminina<sup>11</sup>, assim, as meninas preferirem brincadeiras mais leves, os meninos optarem brincar de correr, e as meninas, consideradas mais espertas, em algumas ocasiões escolherem ficar com ou próximo aos garotos. Em síntese, a partir das discussões teóricas e reflexões feitas é sabível que não existe gênero nas brincadeiras, cores e nem suposta natureza feminina. Meninas e meninos podem fazer o que quiserem, brinquedos podem ser para todos (as). Então, como pensar numa educação para gênero e diversidade, diante das provocações aqui apresentadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das probematizações, pode-se chegar a algumas conclusões a) primeiro as professoras relatam de não se trabalhar especificamente questões de sexualidade, pois as docentes sentem dificuldade em fazer distinção sobre o significado da mesma. E nos

---

<sup>11</sup> OAKLEY, 2016, p. 64-71.

relatos aparecem algumas más interpretações por parte das pedagogas quando falam sobre a discussão, ora remetendo a orientação sexual, ora a identidade de gênero. B) segundo, com as reflexões feitas, foi possível contextualizar que cores, brinquedos e brincadeiras não têm gênero, sendo fruto de concepções social e cultural. Assim, entendendo que certas realidades construídas podem ser modificadas a partir da escola.

A temática na Escola Municipal Vila Goiás, de forma ampla, poderia ser melhor compreendida, se houvesse para as professoras, cursos, palestras, maior dialogo por parte da gestão municipal que possibilite abordar em sala de aula temas transversais ao educar para a diversidade. O tema de gênero, ainda se faz, de certa maneira distante do contexto escolar e das professoras. Contudo, acredita-se que a pesquisa irá proporcionar o diálogo, subsídio para as docentes na educação, trazendo as particularidades, por se tratar da zona rural. Conclui-se que as análises aqui referidas são o início dos desafios, possibilidades ao fazer profissional, pedagógico e educacional.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Projeto Político Pedagógico**. Escola Municipal Vila Goiás. Ensino Infantil e Ensino Fundamental I. Planalto, Brasília, DF, 2020.

BUTLER, Judith. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CISNE, Mirla; SANTOS, Silvana Mara Morais dos. **Feminismo, Diversidade Sexual e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2018. (Biblioteca Básica de Serviço Social; v.8)

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira. Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

FOUCAULT, Michel. A implementação perversa. In: FOUCAULT, Michel. **História Da Sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. Cap. 2. p. 37-50. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque.

FOUCAULT, Michel. Não ao sexo rei. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984. Cap. 15. p. 126-136.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna, 1999.

MINAYO, Maria. Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 10ª ed. São Paulo: Hicitec, 2007.

SILVA, Carmen. Raízes das Desigualdades. In: **Cadernos de crítica feminista.** Reflexões feministas para transformação social. Ano I, nº. 0. dez. 2007. p. 148 – 157.

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil para análise histórica. Recife, 1989, Mimeo. [Tradução: Christine Rufino Dabat & Maria Betânia Ávila]. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1840746/mod\\_resource/content/0/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1840746/mod_resource/content/0/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf). Acesso em: 03 jul. 2021.